

# Apresentação

Sueli Salva  
Renan Santos Mattos  
Lucas da Silva Martinez  
Janaína Raquel Cogo

Este livro é feito de memórias, arte e gestos de (re)existências atravessadas pelas infâncias. Foi produzido por pesquisadores/as e acadêmicos/as vinculados/as ao grupo “Filosofia, Cultura e Educação” (FILJEM/CNPq) e nasce de um desejo de deixar traços de pensamentos diversos construídos no período de pandemia de Covid-19 entre os anos 2020 e 2021. As escritas também são memórias, que durante esse período, de algum modo, se tornaram latentes.

O livro é de trânsito e movimento, em tempos que as certezas nos fogem, caminhamos por pensamentos escorregadios e, por isso, reafirmamos que a infância é presente e urgente, uma vez que muitas das nossas crianças estão em desalento, expostas à fome, à morte, ao descaso. Entendemos isso como barbárie. O livro, através dos textos que o compõe, torna-se um exercício de resistir e de existir, ou seja, de (re)existências como uma estratégia para deixar rastros de nossas reflexões que exigem um novo começo.

Walter Benjamin denuncia um tempo marcado pela barbárie, em que a guerra colocava a indústria bélica e o poder em primeiro lugar. Apesar das diferenças temporais e geográficas, nossos tempos atuais enfatizam o lucro de grandes corporações e instituições financeiras em detrimento do investimento em saúde, educação e direitos sociais. Se Benjamin (1994, p. 115), em sua época considerou que “[...] nunca houve experiência mais radicalmente desmoralizante que a experiência estratégica da guerra nas trincheiras”, podemos pensar que neste momento, estamos vivendo uma guerra sem trincheiras, mas não menos desmoralizante considerando que no Brasil, até abril de 2022, mais de 650 mil pessoas morreram por causa de Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus. Mesmo na eminência de novas pandemias, a pandemia de Covid-19 tem sido, até o momento, um dos maiores eventos históricos de nossa geração. Mesmo com o distanciamento social, o uso de máscaras e higienização com álcool em gel e a adoção de protocolos sanitários, muitas vidas se perderam. Esse livro também é uma iniciativa que marca esse período

histórico em que nos confrontamos diariamente com o luto e com a precariedade da vida.

As crianças não só ficaram no ano de 2020 e parte do ano de 2021 sem aulas presenciais, muitas testemunharam seus pais e avós morrendo, muitas estão com fome porque seus pais perderam emprego, muitas estão expostas à violência, porque o confinamento em casa provocou esse crescimento. Levantamos a seguinte questão: as crianças desse tempo terão ausência das experiências da escola? Como será o chamado novo normal?

Uma primeira tentativa de resposta permite indicar que a guerra contra o Covid-19 subtraiu a experiência das crianças do convívio com outras crianças na escola, esse é um modo de violência, que expôs as crianças a outras formas de violência. Para Benjamin (1994, p. 116) isso resulta em barbárie porque nos impele “[...] a partir para a frente, a começar de novo, a contentar-se com pouco, a construir com pouco”. Assim nos encontramos hoje, impelidos a ir para frente, olhar para o desalento, nos defrontar com a banalização da morte, com o descaso, com o silêncio das crianças.

Algumas memórias aqui apresentadas reacendem o debate, talvez nunca apagado, da violência cometida contra as crianças, do desejo que as instituições têm de moldar seus corpos, quer seja pelo silenciamento, pelo grito, pela negação do que nasce, quer seja pelo descaso, pela submissão à fome e ao desalento. As políticas de austeridade econômica da atualidade repercutem em diversos setores de nosso país, logo, a falta de investimentos em educação, saúde e direitos sociais descortinam a situação caótica da educação e do cuidado das crianças.

A fragilidade em relação à criança se mostra nas memórias de infância de alguns/as, nas memórias do recente vivido por outros/as. São escritas que buscam traçar situações vivenciadas por crianças no período da pandemia e memórias que deixaram marcas na vida de quem escreve. Escrever, neste caso, se institui como ato de rebeldia, de resistência contra o desaparecimento do vivido, tal como interpretado pelo nosso olhar e nossa escuta. Escrever se torna forma de deixar marcas no mundo, gesto de denúncia e convite para olhar, pensar. É também um exercício de “descolonizar o pensamento” como enfatiza Ana Lúcia Goulart de Faria, o que requer enfrentar as lentes preconceituosas que carregamos ao longo da vida e exige uma mudança de postura diante da criança, da concepção de infância e de educação.

Além da escrita, a arte nos desdobra e provoca uma miríade de impressões sobre o mundo que hoje se apresenta diante de nós e tentamos recortá-lo, pintá-lo,

desenhá-lo, em uma estética provocativa, como uma tentativa incessante de nos entendermos como seres neste mundo. A arte não é só um modo de suavizar a vida, ela é provocação, movimento de rachadura que escancara o feio, que por um ângulo, pode ser bonito, por outro nos assombra, assusta, interroga; que expressa a dor que deixa marcas e cicatrizes; que é denúncia; que é poética e sobretudo incômoda uma vez que mostra o que nosso olho, de tão acostumado, já não vê. A arte como representação, projeção e delírios, relativos a situações que atravessam a vida das crianças e produzem infâncias marcadas por esse tempo histórico em que a educação e seus direitos fundamentais parecem abandonados. Nesta escrita foi possível poetizar, pensar com as palavras, delirar, escorregar, expressar o que o olho foi capaz de ver, o que fomos capazes de escutar e construir sentidos com palavras e imagens visuais. É também uma ousadia acadêmica, que trafega pelo poético, sem esvaziar o conceitual e reflexivo, intercalando artigos, poesias, crônicas, obras de arte e desenhos feitos por crianças.

O livro agrupa nossas escritas, através de NÓS de sentidos e a partir deles aportam outras escritas, talvez desalinhadas se as entendermos desde uma lógica tradicional, verticalizada. Nos propomos ao exercício de uma escrita rizomática que pode conectar muitas raízes a outras que sustentam umas às outras, mas que ao mesmo tempo, permitem esparramar-se. E, portanto, dialogam com perspectivas de resistência e (re)existências ao evidenciar a construção projetos políticos, éticos, e epistemológicos que se contrapõem a racionalidade adultocêntrica, patriarcal e colonial.

A organização do livro se deu a partir da divisão em dois eixos. O primeiro eixo, intitulado “Ser criança no mundo: Arte e (re)existências” evidencia múltiplos aspectos que envolvem a infância, perpassando a arte, as práticas educativas não escolares, as violências e o acontecimento da pandemia de Covid-19. Os textos também são escritos e relatos sensíveis olhando a infância (e a maternidade) como fruto de matizes culturais, políticas e econômicas, sujeitas, sobretudo, a ação humana quando desvaloriza, afeta, cria ou destrói.

O livro inicia com o texto “A experiência com a arte em projetos sociais” de Vália Pinheiro, artista plástica e arte-educadora. O texto tem como objetivo a apresentar o projeto “Arte sem Fronteiras” desenvolvido pela artista no Brasil e em Moçambique. Vinculado a ONG “Fraternidade sem fronteiras em Muzumui/Moçambique”, visa promover oficinas de artes visuais para as crianças e adolescentes que participam daquele centro que leva o mesmo nome. O projeto é

voltado para crianças de baixa renda, que possivelmente não teriam acesso a arte. O texto contém detalhamento de ações desenvolvidas no projeto.

Outras imagens de obra de arte da artista plástica e arte-educadora Valéria Pinheiro, cedidas de forma gratuita para o livro, estão presentes ainda na passagem dos eixos do livro e compõe duas séries da artista: Esperança e Kanimambo. A série Esperança foi produzida pela artista plástica no intuito de retratar seis crianças de diferentes etnias, cada uma representando um continente: América, Ásia, Europa, Oceania e Antártica; com sentimentos de esperança sobre valores humanos em diferentes idiomas. Já a série Kanimambo, representa gratidão e retrata com muita sensibilidade crianças africanas atendidas pelo projeto arte sem fronteiras. Sobre essas obras, podemos pensar na arte como um meio de sensibilização e reflexões de esperança para o período de pós-pandemia, com mais amor e fraternidade entre as pessoas de todas as partes do mundo.

O texto “Infâncias e necropolítica: Reflexões sobre a criança como sujeito de direitos em tempos de pandemia”, de autoria de Maria Luiza Posser Tonetto e Renan Santos Mattos em forma de ensaio, busca responder como as perspectivas racistas e coloniais adotadas pelo Estado refletem na noção de criança como sujeito de direitos, em tempos de política bolsonarista (necropolítica). O texto avança ao trazer a aproximação entre o governo Bolsonaro e a necropolítica bem como seus impactos nos direitos humanos para as crianças.

Considerando as percepções próprias das crianças sobre a pandemia, o livro traz desenhos produzidos por crianças de uma turma de pré-escola do município de Santa Rosa/RS, que através de uma proposta de desenho sobre a pandemia de Covid-19, expressam os sentimentos e vivências neste período. Os desenhos das crianças nos sensibilizam acerca de suas percepções e de como manifestam o distanciamento social através da representação de distância entre as pessoas desenhadas, o coronavírus presente em toda a parte, as pessoas trancadas dentro de casa para se proteger, internadas no hospital e ainda as pessoas assustadas com a presença do vírus. Assim, percebemos que as crianças expressam-se através do desenho, que é uma das linguagens na infância, em relação ao período de 2020 e 2021. Percebemos que, tendo em vista também os contextos educativos fora da normalidade, as crianças ressignificam suas experiências sociais ao registrarem um período marcado pela proteção, cuidado e zelo com a saúde de si e dos outros.

Na sequência, o texto de Lucas de Bárbara Wendt, intitulado “Memórias de uma infância que não tem lugar: Corpos, subjetividades e masculinidades” aborda o tema da produção infantil de masculinidades na infância a partir de narrativas pessoais. O

autor tenciona as normas hegemônicas de gênero para argumentar sobre os atravessamentos de um corpo que é negado e das existências que não são consideradas por não serem heteronormativas.

O texto “Inclusão social e escolar a partir da análise do filme Extraordinário: Avanços e desafios” de autoria de Fernanda Theresinha Pedroso Padilha, Nidiele Dornelles Silveira e Patrícia Medianeira Barrozo. As autoras abordam o tema da inclusão social e escolar a partir da análise do filme Extraordinário, observando os avanços e desafios enfrentados no que concerne ao papel da instituição escolar, da educação e das políticas públicas no tratamento do tema e reafirmam a importância da escola na compreensão da diversidade humana.

O texto “Maternidade e interseccionalidade: As implicações de gênero, raça e classe na sociedade contemporânea”, de Katiúcia Pletiskaitz e Sueli Salva abordam a maternidade sob a perspectiva interseccional, considerando assim as implicações de gênero, raça e classe. As autoras discutem a pluralidade das formas de viver as maternidades, e, ainda que as mulheres estejam inseridas na estrutura machista, patriarcal e heteronormativa estruturante na sociedade ocidental contemporânea, evidenciam as estratégias de resistência e sobrevivência feminina.

O texto “Fundamentalismo cristão e infâncias: Reflexões autobiográficas” de Lucas da Silva Martinez problematiza os impactos e as infâncias produzidas a partir do fundamentalismo cristão, especialmente de matriz judaico-cristã, tendo como base narrativas autobiográficas. Desse modo, o argumento do autor constrói-se tanto na defesa de que as crianças precisam conhecer o mundo sem restrições antes de apegarem-se a uma concepção de mundo religiosa bem como relaciona a emergência de perspectivas conservadoras no cenário da educação brasileira impactado por noções como “ideologia de gênero” ou o projeto “Escola sem partido” que, com forte inclinação religiosa, restringem a liberdade de pensamento e ameaçam a dignidade humana.

Esta primeira parte do livro ainda acompanha poesias e crônicas dos membros do grupo de pesquisa, como os textos intitulados “Olhares e sentimentos sobre a pandemia”, “Entre traços e memórias: Perspectivas infantis sobre a Covid-19”, “O movimento das crianças em tempos de pandemia: O que fazer quando o próprio lar torna-se um ambiente hostil?”, “O que vejo da minha janela?”, “Anseios (a)tipicamente pandêmicos” e “Infância roubada: O fatídico nove”.

O segundo eixo que organiza a obra, nomeado “Práticas educativas, docência e infâncias” trata das relações entre as infâncias e as práticas pedagógicas durante a

pandemia. Os textos são marcados pelo relato das práticas educativas e do contato com as crianças, tornando possível vislumbrar a ação de professores/as e crianças, seus protagonismos, vivências e brincadeiras.

O primeiro texto, de Lisaura Maria Beltrame e Angelita Maria Machado intitulado “Educadoras, crianças e pandemia: Relatos de vivências da zona rural e suas potências no processo de imaginação e o brincar de faz de conta” aborda a experiência de protagonismo das crianças durante as práticas pedagógicas na educação do campo. A partir de referenciais da perspectiva socio-histórico-cultural, argumentam em prol da brincadeira e da imaginação como processo que perpassa o desenvolvimento infantil.

Na sequência, o artigo “Um exercício de escuta e reflexão: O luto, as práticas docentes e as percepções das crianças na pandemia de Covid-19”, de Joceane da Silva Machado, Karen Luciélen Pereira Rodrigues e Mariana Borges Lemes discorre sobre a percepção do luto a partir do diálogo e escuta das crianças e professores junto a narrativas sobre as práticas pedagógicas em tempos pandêmicos. Para tanto, as autoras analisam como vem ocorrendo as práticas educativas e as interações entre as crianças mediadas pelas tecnologias digitais, bem como o retorno presencial na rede municipal de Santa Maria.

No texto de Heloisa Elesbão e Leticia Borfe, intitulado “Ser criança e as múltiplas infâncias: O brincar e as experiências corporais na Educação Infantil”, as autoras argumentam que as experiências corporais das crianças e o brincar como um fim em si mesmo são fatores centrais para o desenvolvimento infantil. O corpo e o movimento tornam-se uma forma de linguagem que possibilita vivências e experiências únicas do ser criança e suas múltiplas infâncias. A partir do movimento, as crianças exploram o espaço e o meio que as rodeiam, constroem relações e descobrem seu protagonismo em suas ações.

Por fim, o texto “O brincar e o interagir (conviver e participar) na infância: Desafios às práticas pedagógicas em tempos de pandemia”, de Janaína Raquel Cogo, Martin Kuhn e Juliane Ilha Marafiga reflete sobre as possibilidades e os limites dos diálogos entre infâncias, práticas educativas e aprendizagens, mediadas pelas tecnologias digitais, no cenário de pandemia. Os autores/as questionam se as aulas remotas propiciam práticas pedagógicas que assegurem o direito das crianças às brincadeiras e interações, eixos norteadores da Educação Infantil brasileira.

Compõem esta segunda parte do livro também os textos “Do outro lado da minha janela...”, “ExperiênciaS do nOvo nOrMAL”, “O vendedor de picolés”, “Infâncias,

memórias e (re)existências: Um lugar sensível do estar em contínuo movimento do aprender a aprender a ser” e “Infâncias, memórias e (re)existências”.

As escritas que compõe essa obra são decorrência de olhares e de escutas, inspirados na Pedagogia da escuta de Reggio Emilia entendida como uma prática do sensível, como um exercício descolonizador que pressupõe a necessidade de escutar em todos os sentidos, escutar a partir das múltiplas linguagens e dos símbolos que os sujeitos usam para expressar-se (RINALDI, 2016). Portanto, escutar opera na mesma sintonia de uma expectativa recíproca em que se instaura o diálogo entre os pares, com os nossos referenciais teóricos que nos ajudam a pensar e comunicar nossas ideias e com crianças e docentes. Esperamos que os textos desse livro permitam reflexões sobre o tema da educação e da infância, dando alento e esperança para aqueles que lutam pelos direitos das crianças e o direito a educação pública gratuita, plural, laica e de qualidade.

## Referências

BENJAMIN, W. **Magia e Técnica arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RINALDI, C. A Pedagogia da Escuta: a perspectiva da escuta em Reggio Emilia. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. (Orgs.). **As cem Linguagens da Criança**: a experiência de Reggio Emilia em transformação. Porto Alegre: Penso, 2016. p. 235-247.